



**A VARIAÇÃO NA SINTAXE DE CONCORDÂNCIA VERBAL EM  
MANCHETES DE JORNAIS ELETRÔNICOS: UMA MUDANÇA EM  
PROGRESSO**

**Alexandre Jorge**  
PPG/ UEMS  
**Prof. Dr. Marlon Leal Rodrigues**  
NEAD/UEMS

**Resumo:** A sociolinguística, nos períodos em que se firmavam suas raízes, voltou-se, principalmente, para as descrições da variação e dos fenômenos de processos de mudanças inerentes à língua (BORTONI-RICARDO, 2014). Desse modo, o presente artigo trata da descrição da variação de sintaxe de concordância verbal em manchetes de jornais eletrônicos, na perspectiva da Teoria da Variação, fundamentada em William Labov (1972), precursora da sociolinguística contemporânea. Partindo desse pressuposto, o presente estudo pretende evidenciar que, em geral, os meios de comunicação eletrônicos têm tentado, conscientemente ou não, influenciar na maneira de escrever de seus leitores, disseminando, assim, uma regra inexistente na língua portuguesa. Como resultado alcançado, pôde-se observar que a variação linguística na sintaxe de concordância nas manchetes de jornais eletrônicos é uma tentativa de o redator buscar a melhor forma de comunicar a notícia ao público-leitor.

**Palavras-chave:** Manchetes; Variação; Concordância Verbal.

**Abstract:** The Sociolinguistics, in those times, which was establishing itself in his roots, it turned itself mainly to the descriptions of variation and of the phenomena of change processes involved in language (BORTONI-RICARDO, 2014). Therefore, this article deals with the description of the syntax variation of agreement in electronic newspaper headlines, from the perspective of Variation theory, grounded in William Labov (1972), forerunner of contemporary Sociolinguistics. Based on this assumption, the present study also show that, in general, the electronic media have been trying, consciously or not, to influence the way of writing of his readers, spreading a nonexistent rule on Portuguese language. As a result, it could observe that the linguistic variation in syntax of concordance in the headlines of newspapers is an attempt by an editor to find the best way to communicate the news to the public-reader.

**Keywords:** Headlines; Variation; Verbal Agreement.

## **Introdução**

As línguas são um produto das convenções e dos valores sociais, de onde derivam as regras que tornam compreensíveis as intercomunicações dos indivíduos e asseguram a sobrevivência e coesão das sociedades (LOPES, 2008, p. 27).

Toda língua natural sofre interferências intra e extra linguísticas. Essas interferências, para a sociolinguística, acabam ocasionando as variações e mudanças na maneira e aspectos na fala das pessoas. Tais variações não ficam apenas no campo da fala, elas estão emergindo também no campo da escrita, aqui mais especificamente, em ambientes virtuais de notícias.

A sociolinguística, nos tempos que se firmavam suas raízes, voltou-se, principalmente, para as descrições da variação e dos fenômenos de processos de mudanças inerentes à língua (BORTONI-RICARDO, 2014, p. 13). Por isso, o presente artigo trata da descrição da variação de sintaxe de concordância verbal em manchetes de jornais eletrônicos, na perspectiva da Teoria da Variação, fundamentada em William Labov, precursor da sociolinguística contemporânea.

Importantes jornais eletrônicos nacionais têm criado manchetes que vêm chamando a atenção para a concordância entre o sujeito de nome próprio flexionado no plural sem a presença de um determinante, com a conjugação verbal, como se o determinante estivesse presente junto ao nome, isto é, as manchetes de jornais eletrônicos não estão fazendo a concordância de nomes próprios no plural adequadamente, conforme (BECHARA, 2015, p. 554); frequentemente as manchetes estão vindo com o nome próprio no plural com o verbo também no plural, com um detalhe, sem a presença de seu determinante; a regra da gramática normativa diz que, quando isso ocorre (quando não há a presença do artigo), o verbo deve estar no singular.

Partindo desse pressuposto, o presente estudo pretende evidenciar que, em geral os meios de comunicação eletrônicos têm tentado, conscientemente ou não, influenciar na maneira de escrever de seus leitores, disseminando assim, uma regra inexistente na língua portuguesa. Desse modo, pretende-se aqui alçar e descrever fenômenos linguísticos de variação e processos de mudanças inerentes à língua. Trago à luz, não para discriminar, nem tampouco afirmar o que está certo e o que está errado nestas produções e criações de manchetes de jornais.

Pelo contrário, essas várias formas de escrever, e até mesmo de falar, são objetos intrínsecos da sociolinguística; não há como falar de variação e mudança linguística sem a utilização desta ciência, uma vez que, o precursor dela aqui no Brasil, diz o seguinte:

A variação da língua é importante porque, como ‘atividade social’, evidencia a pluralidade de falares existentes, por exemplo, caracterizadores de cada região (variação diatópica), em diferentes situações (variação diafásica), de acordo com o grau socioeconômico (variação diastrática) (BAGNO, 2007 apud NUNES et al, 2017, p. 106).

Diante disso, será abordado, nas próximas seções, uma síntese de como a sociolinguística abarca as diversas formas de variação na língua; como a gramática normativa descreve a regra de concordância verbal de nomes próprios no plural; a dicotomia entre variação estável e mudança em progresso; serão feitas as descrições do objeto deste trabalho, e por fim, as considerações finais do mesmo.

### **O Caso da Variação**

De todas as afirmações e declarações sobre a língua, o que fica mais visível é a de que toda língua varia e sofre mudança ao longo dos anos, pois o que se observa na sua manifestação falada a sua heterogeneidade, ou seja, a sua variação, quanto aos elementos constitutivos da sua estrutura, quer no nível fonético-fonológico, vocabular ou sintático (SANTOS, 2009, p. 19).

A língua portuguesa tem em seu sistema linguístico normas e regras que determinam, muitas vezes, as formas de falar e escrever de seus usuários; com isso, institui e unifica um padrão de uso da língua, não permitindo variações dependendo da situação. Contudo, não é sempre isso que acontece, as pessoas utilizam-se de várias maneiras para se comunicar e interagir, como gestos, sons, expressões, dança música, etc.

Isso permite que haja uma série de interação entre os indivíduos, possibilitando assim, o aparecimento e/ou constituição de variação no processo de comunicação em suas diversas formas.

Todavia, o que será tratado aqui, é como a sociolinguística abarca essas variações linguísticas existentes na língua em seus aspectos regional, social, grau de instrução, faixa-etária, sexo, etc.

A variação e a mudança linguística começaram a ser tratadas como fenômenos linguísticos com William Labov (1972 apud COELHO et al, 2010), como dito, em seu trabalho intitulado *Sociolinguist Patterns* – Padrões Sociolinguísticos; com isso, ele questionava e propunha um novo olhar sobre as diversas formas de tratar a língua por parte de sua comunidade de fala.

Neste trabalho, Labov defendia que não existe uma comunidade de fala homogênea e nem um falante-ouvinte ideal, com uma maneira única de se expressar e comunicar, pelo contrário, defendia que as comunidades de fala são heterogêneas, e que não há dois falantes que se expressam do mesmo modo, principalmente, um mesmo falante não se expressa do mesmo jeito em diferentes situações de comunicação (COELHO et al, 2010, p. 22). Partindo deste pressuposto, chegamos à definição de variação dada por (COELHO et al), que dizem o seguinte:

Varição é o processo pelo qual duas formas podem ocorrer no mesmo contexto linguístico com o mesmo valor referencial, ou com o mesmo valor de verdade, i.e., com o mesmo significado. Dois requisitos devem, pois, ser cumpridos para que ocorra variação: as formas envolvidas precisam ser intercambiáveis no mesmo contexto e manter o mesmo significado (COELHO et al, 2010, p. 23).

Continuando na perspectiva laboviana, o caso da variação está relacionado ao fato da heterogeneidade da língua, ou seja, as línguas são sistemas heterogêneos, variáveis de acordo com a situação de fala e de acordo com cada indivíduo.

E essas variações ocorrem, de acordo com (Coelho et al. 2010), nos campos fonológico, morfológico, sintático, lexical e discursivo, e que não trataremos deles aqui porque não é foco deste trabalho.

Falaremos, então, de duas variantes muito comuns no ato de fala dos usuários da língua: a variante padrão e a variante não padrão.

A variante padrão diz respeito às normas e regras estabelecidas pelos manuais e gramáticas normativas, que regem o uso e o tratamento da língua por seus falantes em diferentes situações formais. Já a variante não padrão, diz respeito ao não uso dessas

normas e regras estabelecidas pelos manuais e gramáticas em geral, normalmente utilizadas em situações informais de interação.

Com essas duas variantes, padrão e não padrão, recaímos em outros dois termos utilizados na sociolinguística sobre isso, a variante de prestígio e a variante estigmatizada; que são outros dois termos para designar a variante padrão e a não padrão (COELHO, et al, 2010, p. 27). Então, para o indivíduo escolher entre uma determinada variante ou não, é o valor social que cada uma exerce em certa situação de ato de fala. O usuário da língua, dependendo onde e como esteja, escolherá esta ou aquela variante para atingir o seu objetivo no processo de comunicação, seja ela na escrita, ou até mesmo na fala.

Por isso, este trabalho traz à tona, a variação na sintaxe de concordância em manchetes de jornais eletrônicos, a fim de mostrar, que a variação linguística não só ocorre no campo da fala, mas também, no campo da escrita, como se evidenciará nas próximas seções desta pesquisa. Sendo assim, a variação e a mudança linguística não são imposições de uma norma ou outra, e que toda mutação na língua se faz pela necessidade natural de se expressar humana e coletivamente; já que toda mudança linguística ocorre naturalmente e não propositadamente (SANTOS, 2009, p. 17).

### **A Concordância E A Variação**

Em língua portuguesa, a concordância consiste em adaptar-se a palavra determinante ao gênero, número e pessoa da palavra determinada (BECHARA, 2015, p. 554).

Ela pode ser nominal ou verbal. O que nos interessa aqui é a concordância verbal, o qual se verifica a relação entre o sujeito e o verbo em número e pessoa.

Para Santos, a concordância:

é a relação sintática entre palavras que mantêm entre si uma ligação pela função que exercem, e que as identifica como parte de uma mesma estrutura sintática. É a relação entre palavras que fazem parte de um mesmo sintagma – nominal ou verbal, ou ainda de toda uma oração (SANTOS, 2009, p. 78).

Isso significa que, a concordância seja ela verbal ou nominal, precisa estabelecer uma correlação de flexão entre a palavra determinante (sujeito) com a palavra determinada (verbo ou nome), realizando assim, uma relação de subordinação entre os termos que se relacionam. Enquanto para (DUBOIS, 2004 apud SANTOS, 2009, p. 79), a concordância é:

O fenômeno sintático pelo qual um substantivo ou um pronome exerce pressão de alteração formal sobre os pronomes que o representam, os verbos de que ele é sujeito, e os adjetivos ou participios que a ele se referem. A definição de Dubois especifica os dois tipos de concordância, a nominal e a verbal, consoante seja a relação entre os termos (DUBOIS, 2004 apud SANTOS, 2009, p. 79).

Aqui, fica claro que, a relação que se dá entre as palavras com o substantivo (nome) ou com ele concordar, ocorre à concordância nominal. Já a relação entre as palavras com o verbo e sua flexão possível, dizemos que ocorreu a concordância verbal.

Posto isso, especificamos a regra de concordância verbal, nos aspectos da variante padrão (Coelho, et al, 2010) de três autores de gramáticas de língua portuguesa, que mais se destacam no cenário nacional, tendo seus livros mais difundidos no Brasil: Evanildo Bechara, Celso Cunha e Lindley Cintra.

Para Cunha e Cintra (2001, p. 496), a concordância trata da

Solidariedade entre o verbo e o sujeito, que ele faz viver no tempo, exterioriza-se na concordância, isto é, na variabilidade do verbo para conformar-se ao número e à pessoa do sujeito, ou seja, a concordância evita a repetição do sujeito, que pode ser indicada pela flexão verbal a ele ajustada (CUNHA et al, 2001, p. 496).

Na concepção de Cunha e Cintra, como exposto, também se evidencia a existência da correlação entre um determinante e um determinado, isto é, a flexão do verbo em número e pessoa será subordinada à flexão do seu sujeito de igual forma.

Ainda, quanto à regra de sintaxe de concordância verbal de nomes próprios no plural, Cunha et al (2001, p. 504) diz o seguinte a respeito da flexão verbal, e a começa descrevendo como “*O sujeito é um plural aparente*” para tratar da mesma regra descrita aqui. E fazem a seguinte explicação a respeito assim:

os nomes de lugar, e também os títulos de obras, que têm forma de plural são tratados como singular, se não vierem acompanhados de artigo. Quando esses nomes são precedidos de artigo, o verbo assume normalmente a forma plural (CUNHA et al, 2001, p. 504).

Com esta explicação acima, reforça-se mais uma vez a relação de um determinante e um determinado – sujeito e verbo – de uma manchete de jornal eletrônico que tem em sua composição um nome de lugar em forma de plural; se o sujeito não vier precedido do artigo que o determina, o verbo assume a forma de singular, e não a de plural; como é o caso a ser discutido neste trabalho.

Agora, partindo para a concepção de Evanildo Bechara (2015, p. 44) sobre a mesma questão aqui tratada, ou melhor, sobre a norma de concordância verbal; o mesmo descreve, primeiramente, que “norma é tudo o que na língua não é funcional, mas que é tradicional, comum e constante, ou, em outras palavras, tudo o que se diz assim, e não de outra maneira”.

Assim, não se dá uma margem de flexão e/ou variação na regra de sintaxe de concordância, uma vez que, a norma que determina a forma plural ou singular do verbo é bem clara quanto à existência de uma rigidez no sistema linguístico da língua portuguesa.

Bechara trata ainda desse assunto diferentemente de Cunha. Enquanto Cunha trata do assunto como “o sujeito é um plural aparente”, Bechara o nomeia como “*A concordância com títulos no plural*”. E faz uma breve explicação a respeito e diz o seguinte: “*geralmente se usa o verbo no plural, principalmente com artigo no plural*”.

Com a palavra “principalmente” na explicação breve de Bechara, dá-se a entender que não é algo exclusivo, rígido, estanque; que não se pode modificar variar. E sim, algo que é possível existir de duas ou mais formas, dando a possibilidade de variação, no caso aqui, na sintaxe de concordância de nomes próprios na forma plural com ou sem a presença de seu determinante, o artigo.

### **Varição estável e Mudança em progresso**

A Sociolinguística Variacionista tem por objeto a língua em seu contexto sociocultural, uma vez que parte da explicação para a heterogeneidade inerente e

sistemática pode ser encontrada em fatores externos ao sistema linguístico (LIMA, 2016, p. 24).

Um estudo sociolinguístico deve, pois, partir de uma descrição e análise das variantes linguísticas utilizadas num contexto de uso autêntico de comunicação, observando os fatores sociais e linguísticos que as manifestam neste processo de interlocução.

Assim sendo, esses estudos de sociolinguística demonstram que há uma sistematização no uso das variantes de uma língua; que sua diversidade e variabilidade são características inerentes ao sistema linguístico e que podem ser encontradas fora deste sistema, isto é, em seus fatores extralinguísticos. Corroborando com isso, a existência de duas premissas básicas da Sociolinguística Variacionista: a heterogeneidade inerente e o relativismo cultural (LIMA, 2016).

Agora, partindo para a concepção de variação estável e mudança em progresso, Martelotta diz o seguinte:

a língua é como um sistema maleável, que apresenta variações, mas há muitos elementos gramaticais, fonéticos e léxicos que são comuns às variedades de uma língua. Nem tudo é variação, havendo um número enorme de elementos comuns que são estáveis (MARTELOTTA, 2015, p. 146).

Logo em seu início, por volta dos anos 1960 e 1970, os estudos sociolinguísticos davam muita importância aos fatores extralinguísticos da língua; com as pesquisas de Labov, meado de 1980, isso foi aos poucos mudando, e começou-se a postular que os aspectos linguísticos deveriam se sobrepôr aos aspectos sociais (MARTELOTTA, 2015, p. 150).

Isso acabou reconhecendo que a variação existe dentro de um sistema linguístico e nestes termos, a teoria acabou sofrendo modificações para reduzir o peso social sobre o que é essencialmente linguístico. Criando então, duas situações de análise de variantes, cfe. Martelotta (2015).

A primeira situação, diz respeito sobre a existência de estabilidade entre variantes. E a segunda, diz respeito sobre a competição entre as variantes com aumento de uso de uma das variantes.

Na primeira situação, dizemos que ocorre variação e na segunda, mudança em progresso. Sobre isso, podemos dizer que:

a variação é facilmente detectada, pois para ela ocorrer é necessário simplesmente o favorecimento do ambiente linguístico. Para ocorrer uma mudança linguística, no entanto, é necessária a interferência de fatores sociais, refletindo as lutas pelo poder, o prestígio entre classes, sexo e gerações (MARTELOTTA, 2015, p. 150).

Ao analisar um fenômeno linguístico, é difícil de dizer que se trata de um caso de variação estável ou de mudança em progresso. No entanto, os sociolinguistas têm uma metodologia para detectar se uma forma está ou não sobrepondo sobre outra. É o que Martelotta (2015, p. 151) diz ser possível analisar: o tempo real e o tempo aparente.

Trazendo à tona estas duas situações de análise de variante, a variação estável e a mudança em progresso, Lima diz o seguinte:

“a variação estável ocorre quando não se percebe a tendência de predominância de uma variante sobre a(s) outra(s), do que se depreende que o quadro de variação tende a se manter ainda por algum tempo. Já quando os resultados estatísticos indicam que uma das variantes está se sobrepondo às demais, o diagnóstico é de mudança em progresso. Isso indica que a variante mais utilizada em pouco tempo poderá se tornar a forma categórica e se generalizar, fazendo com que as outras variantes caiam em desuso” (LIMA, 2016, p. 25).

Com isso, chega-se então, ao que é postulado neste trabalho, que a variação na sintaxe de concordância verbal em manchetes de jornais eletrônicos tem saído de uma forma de análise de variação estável para uma análise de variação de mudança em progresso.

### **A Descrição do Objeto**

A concordância é a relação sintática entre palavras que mantêm entre si uma ligação pela função que exercem, e que as identifica como parte de uma mesma estrutura sintática (SANTOS, 2009, p. 81).

Logo, se têm observado diversas manchetes de notícias envolvendo um nome próprio no plural sem a presença de um artigo que o precedesse, com a flexão verbal também no plural, constituindo assim, a variação na sintaxe de concordância.

Visto que, essa variação do que trata este artigo, ocorre frequentemente, quando o nome do país dos Estados Unidos está em evidência.

Pois, em um intervalo de seis meses, foram encontradas sete manchetes de notícias envolvendo o nome dos Estados Unidos sem a presença do seu determinante. Tais manchetes foram encontradas em diversos sítios de jornais virtuais de renome e prestígio nacional, e por uma questão de não autorização dos mesmos, não serão revelados aqui os seus endereços eletrônicos.

Para Santos (2009, p. 80), a variação de concordância ocorre de duas maneiras: a concordância ideológica e a gramatical. A primeira está relacionada ao campo da ideia e da aproximação, chamada também de atrativa. A segunda está relacionada mais à norma padrão, ou de prestígio – segue a estrutura gramatical da língua.

Ainda conforme Santos (2009), as concepções dessas duas concordâncias não são únicas. Há outras concepções de variação de concordância, por exemplo, a concordância de perspectiva variacional, conforme sugeridas por (LEMLE & NARO, 1997 apud SANTOS, 2009, p. 81).

Os autores sugerem que, para um estudo sociolinguístico, a concordância de perspectiva variacional é a mais adequada para um estudo de variação linguística no campo da escrita, pois, as outras duas concepções de variação estão mais relacionadas à fala, e por isso não servem para a proposta deste trabalho.

Partindo deste pressuposto, encontramos as seguintes manchetes:

- “EUA anunciarão saída do Conselho de Direitos Humanos da ONU, diz fonte”; acessado em 19 de junho de 2018.
- “Putin afirma que deseja se encontrar com Trump quando EUA estiverem prontos”; acessado em 10 de junho de 2018.
- “EUA asseguram que ‘farsa eleitoral não muda nada’ na Venezuela”; acessado em 20 de maio de 2018.

- “EUA decidem eximir Brasil de tarifas sobre aço e alumínio”; acessado em 01 de maio de 2018.
- “EUA pedirão perfis de redes sociais de candidatos a visto, diz Departamento de Estado”; acessado em 30 de março de 2018.
- “Para dar visto, EUA pedirão contas em redes sociais, e-mail e telefone”; acessado em 30 de março de 2018.
- “EUA vetam resolução na ONU sobre Jerusalém”; acessado em 18 de dezembro de 2017.

Observa-se no *corpus* apresentado, a presença da variação de concordância verbal em todos as manchetes. Com isso, recai-se sobre o que postula Santos em:

a concordância apresenta uma série de relações que justificam a necessidade de combinação entre os vocábulos que compõem uma estrutura sintática. É baseado nessas relações que se estabelecem as “regras” da concordância. Se considerarmos esses princípios como regras, tomemo-las sem o preconceito que é comum. Essas “regras” são a tentativa de manter uniforme ou coerente as relações sintáticas entre os elementos que compõem os enunciados linguísticos. Embora nos pareça “descartável”, a concordância é de fundamental importância para a produção linguística, pois todo enunciado é constituído de relações sintagmáticas e parte dessa relação é mantida pela concordância entre os termos. Assim, a variação linguística no nível sintático, mais restritamente a concordância, dá-se quando, por qualquer motivo, o falante ou redator opta por uma estrutura que não a proposta pela GT, mas que apresenta o mesmo sentido ou valor de verdade (SANTOS, 2009, p. 81).

Diante disso, pode-se observar que a variação linguística na sintaxe de concordância nas manchetes de jornais eletrônicos é uma tentativa do redator em buscar a melhor forma de comunicar a notícia ao público-leitor. Acredito que, “de uma forma rápida e chamativa” [grifo nosso].

### **Consideração Final**

Vivemos em uma era que tudo circula muito rápido; as transformações ocorrem num instante; e as pessoas não têm muito tempo para ler e, muitas vezes, prestar atenção

naquilo que está escrito. Com isso, uma simples leitura de uma manchete de notícia passa despercebida, no que diz respeito ao seu efeito esperado no leitor.

Se a tentativa do jornal é de encurtar a notícia, torná-la mais acessível ao leitor, o seu papel tem sido alcançado. No entanto, este papel pode ter o efeito contrário; as pessoas podem perceber o desvio da regra gramatical e não se interessar pela notícia. E o jornal pode recair em outro fenômeno que é investigado pela sociolinguística – o preconceito linguístico.

Todavia, é importante salientar o que Santos diz a respeito sobre a variação de concordância:

A língua é o que a sociedade fala ou utiliza como instrumento de sua comunicação. Isso é um fato sociolinguístico, como sociolinguístico é tudo aquilo que, no tocante à língua, é reflexo da manifestação social. Por isso, a variação da concordância é também uma manifestação sociolinguística (SANTOS, 2009, p. 83).

Portanto, pode-se considerar que a língua é universal, independentemente do nível alcançado pelo seu povo. Todos os sistemas de escrita estão fundamentados na fala de seus usuários. Sendo assim, para que a língua atinja os seus objetivos, é necessário que os membros da comunidade de fala, que compartilham das mesmas experiências coletivas, entrem numa espécie de acordo para que os mesmos sejam efetivados.

Por isso, Saussure advertia em (1972, 45 apud Lopes, 2008, p. 33) que a única razão de ser da escrita é o seu caráter de representante da fala.

## Referências

BECHARA, EVANILDO. MODERNA GRAMÁTICA PORTUGUESA / EVANILDO BECHARA. 38 ED.REV.AMPL. RIO DE JANEIRO: NOVA FRONTEIRA, 2015.

BORTONI-RICARDO, S. M. EDUCAÇÃO EM LÍNGUA MATERNA - A SOCIOLINGUÍSTICA NA SALA DE AULA. SÃO PAULO: PARÁBOLA, 2004.

\_\_\_\_\_, MANUAL DE SOCIOLINGUÍSTICA / STELLA MARIS BORTONI-RICARDO. SÃO PAULO: CONTEXTO, 2014.

COELHO, IZETE LEHMKUHL ET AL. SOCIOLINGUÍSTICA. FLORIANÓPOLIS: LLV/CCE/UFSC, 2010.



CUNHA, CELSO ET AL. NOVA GRAMÁTICA DO PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO / CELSO CUNHA, LUÍS F. LINDLEY CINTRA. 3 ED. RIO DE JANEIRO: NOVA FRONTEIRA, 2001.

FIORIN, JOSÉ LUIZ. INTRODUÇÃO À LINGUÍSTICA. 6D. REVISTA E ATUALIZADA, SÃO PAULO: CONTEXTO, 2010.

\_\_\_\_\_, INTRODUÇÃO À LINGUÍSTICA / JOSÉ LUIZ FIORIN (ORG.). – 6 ED., 3ª REIMPRESSÃO. SÃO PAULO: CONTEXTO, 2014.

LABOV, WILLIAM. PADRÕES SOCIOLINGUÍSTICOS. TRADUÇÃO MARCOS BAGNO, MARIA MARTA PEREIRA SCHERRE, CAROLINE RODRIGUES CARDOSO. SÃO PAULO, PARÁBOLA EDITORIAL, 2008.

LOPES, EDWARD. FUNDAMENTOS DA LINGUÍSTICA CONTEMPORÂNEA. 20 ED. SÃO PAULO, CULTRIX, 2008.

MARTELOTTA, MÁRIO EDUARDO (ORG.). MANUAL DE LINGUÍSTICA. 2 ED., 3ª IMPRESSÃO. SÃO PAULO: CONTEXTO, 2015.

MOLLICA, MARIA C.; BRAGA, MARIA L. (ORGS.). INTRODUÇÃO À SOCIOLINGUÍSTICA: O TRATAMENTO DA VARIAÇÃO. 2 ED. SÃO PAULO: CONTEXTO, 2003.

\_\_\_\_\_, SOCIOLINGUÍSTICA, SOCIOLINGUÍSTICAS: UMA INTRODUÇÃO / VÁRIOS AUTORES; ORGANIZADO POR MARIA CECILIA MOLLICA, CELSO FERRAREZI JUNIOR. SÃO PAULO: ED. CONTEXTO, 2016.

NUNES, CRISTIANE DE MELO ET AL. A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA MÍDIA DIGITAL: UMA ANÁLISE DO JORNAL FOLHA DE S. PAULO. LEOPOLDIANUM. ANO 43. Nº 121. 2017.

SANTOS, SÉRGIO DA SILVA. A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NOS JORNAIS ESCRITOS DE RIO BRANCO. 2009. 136 F. DISSERTAÇÃO (MESTRADO EM LETRAS: LINGUAGEM E IDENTIDADE) – PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO, UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE, RIO BRANCO – ACRE, 2009.